

ANATOMIA DE ROBERTO SCHWARZ

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p46-67>

Fabio Akcelrud Durão

RESUMO

A ideia de realizar uma anatomia de Roberto Schwarz surgiu a partir da constatação de que sua obra crítica, cada vez mais conhecida e influente mundo afora, é via de regra abordada e comentada segundo pressupostos teóricos e práticas de escrita avessas ao seu espírito. (A própria forma artigo já dá testemunho disso.) Ao se abordar o modo de funcionamento, mais do que o conteúdo conceitual, o objetivo é o de facilitar a transmissão de um pensamento que no fundo não se dá muito bem com o mero rigor analítico, como provam os pepinos aqui discutidos.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Schwarz; Dialética; Teoria Literária.

ABSTRACT

The idea of carrying out an anatomy of Roberto Schwarz finds its justification in the paradox that, while it is increasingly internationally acclaimed, the intellectual context in which such acclaim takes place is shaped by theoretical presuppositions and interpretative practices utterly at odds with the spirit of Schwarz's writings. (The article form itself is already witness to this.) By characterizing the way Schwarz's critical imagination works, rather than insisting on its conceptual content, the intention here is to facilitate its transmission as a dialectical craft, which is averse to sheer analytical rigor, as the cucumbers herein discussed attest.

KEYWORDS: Roberto Schwarz; Dialectics; Literary Theory.

I

Ao menos no mundo anglo-saxão, Roberto Schwarz é hoje um crítico bastante reconhecido. Quatro de seus livros foram traduzidos para o inglês¹, bem como vários de seus ensaios. A bibliografia secundária sobre sua obra vem crescendo constantemente², e resenhas de seus textos mais recentes surgem rapidamente em periódicos de prestígio, como *New Left Review* e *Mediations*. Além disso, impulsionado por teóricos proeminentes, como Franco Moretti (e.g. 2021) e Perry Anderson (2011), que famosamente o chamou de “o maior crítico dialético desde Adorno”, Schwarz vem se tornando uma referência corriqueira em debates sobre literatura brasileira, latino-americana e, mais recentemente, mundial — de fato, a própria coleção na qual a primeira versão deste ensaio foi incluída já é prova cabal da consolidação de uma firme reputação transatlântica, mais do que merecida. No entanto, há uma sutil ironia (fico tentado de chamá-la machado-schwarziana) subjacente a tal notoriedade, uma vez que, rigorosamente lida, a obra de Schwarz é consistentemente incompatível com a lógica de circulação à qual é submetida. Isso está na base daquilo que vai ser desenvolvido abaixo, mas antes de entrar propriamente no assunto, vale a pena perguntar se não haveria algo de estrutural

¹ *Misplaced Ideas: Essays on Brazilian Culture* (1992); *A Master on the Periphery of Capitalism* (2001); *Two Girls and Other Essays* (2013); *To the victor, the potatoes!* (2019).

² Algumas referências, entre outras, incluem Johnson (1999), Larsen (2001), López (2005), Cevalco (2014), Sauri (2015), Durão (2018).

nesta tensão, ainda por ser explicada, entre a configuração interna de certas obras críticas, seu impulso ou espírito, e a maneira como são recebidas e passam a circular — ou então, dito de outro modo, entre o pensamento dialético e o comentário analítico. Porque é bem possível que Schwarz venha a compartilhar com Theodor W. Adorno o destino paradoxal de ser ao mesmo tempo amplamente discutido teoricamente e mostrar-se efetivamente irrelevante no que diz respeito às práticas interpretativas concretas. Como objeto de comentários, como algo a ser elucidado, dissecado, aplicado, vilipendiado ou endossado – não importa se com indiferença ou ardor – Adorno tem gerado um imenso corpo textual. A maneira como ele lê, no entanto — seus pressupostos, estratégias, procedimentos, valores, e assim por diante —, se tornou simplesmente ininteligível e parece vir de um outro planeta quando comparado ao *modus operandi* da academia contemporânea e seus protocolos discursivos, os quais, a propósito, respondem mais e mais às demandas da universidade neoliberal³. Se Schwarz irá, em breve, se juntar ao clube das monumentalidades inócuas é uma questão em aberto, mas é contra essa tendência que a intenção de traçar uma anatomia de sua crítica adquire razão de ser: ao invés de discutir ideias e argumentos, a tentativa aqui será a de descrever o *funcionamento* de seus textos em suas camadas distintas e inter-relacionadas (tal interconexão, a propósito, é o que torna a metáfora da anatomia preferível à de uma “máquina”, “dispositivo” ou outra imagem inorgânica). São dois os objetivos de um tal empreendimento: em primeiro lugar, a caracterização de uma anatomia de Roberto Schwarz oferece um bom termo de comparação para delinear e criticar práticas de leitura estabelecidas; segundo, e mais importante, voltando a atenção para como as interpretações de Schwarz funcionam, pode-se ter a esperança de *facilitar o processo de transmissão*, para que este tipo de pensamento se reproduza de maneira forte, preservando seu impulso e ao mesmo tempo transformando-o de acordo com o material em mãos — pois o projeto intelectual de Schwarz merece ser levado adiante naquilo que tem de gerador, e não ser meramente discutido, por mais que isso se dê com competência e ardor.

³ Robert Hullot-Kentor (2010a, 2010b) argumentou persuasivamente que a filosofia de Adorno está se tornando cada vez mais ininteligível, na medida em que encolhe nosso horizonte do pensável, consequência de o capitalismo penetrar mais fundo que nunca na vida social e psíquica; seria interessante perguntar até que ponto este insight pode se estender a Schwarz.

A primeira dissonância entre produção e distribuição, espírito e difusão, é bastante extensa e por si só já justificaria um ensaio completo. A Teoria Literária, hoje, está centrada em, abastecida por, e em boa medida deve toda sua existência, a processos de formação e propagação de conceitos que seguem um curso geográfico já estruturado (Durão, 2011). Mesmo que forjados noutros lugares (França, Alemanha, Inglaterra, Itália, ou mesmo Eslovênia), conceitos tornam-se marcas, *brands*, nos Estados Unidos, e de lá se espalham pelo resto do sistema acadêmico anglófono e, em última instância, pelo mundo. Estas dinâmicas de difusão espelham aquelas das mercadorias concretas: como o maquinário ou a tecnologia do pensamento, conceitos procedem do centro para a periferia, onde são discutidos e elucidados, ou aplicados, mais provavelmente ao material da cultura nativa em estado cru. Podem vir em todos os tamanhos e formatos, desde os gigantescos, que delimitam campos inteiros de pesquisa, como o “pós-colonial”, até os mais modestos, que regulam a leitura de objetos particulares. Com investimento suficiente, eles podem crescer tanto em uso a ponto de levarem ao estabelecimento de novas áreas, que então passam a funcionar como operadores de leitura. O prefixo “estudos” designa precisamente esta expansão da validade conceitual a partir de um corpus limitado (afetos em *Enquanto Agonizo*, de William Faulkner, por exemplo) para uma lente interpretativa geral (*Affect Studies*).

Nada poderia ser mais estrangeiro à prática crítica de Roberto Schwarz, pois em seu caso a ênfase recai na prática interpretativa mesma, o que confere ao artefato a liberdade para gerar os seus próprios conceitos, que por isso resistem à aplicação e à circulação não-mediada. Suas noções mais conhecidas, as de ideias fora do lugar e ideologia de segundo grau, que geralmente são citadas como entidades independentes, têm na realidade um caráter estritamente *post factum*: agem como nomes, ou títulos, para percursos hermenêuticos específicos, e não podem ser transferidos sem mais nem menos para outras situações hermenêuticas sem um extensivo esforço de adaptação, i. e., sem uma nova leitura própria. Em outras palavras, os conceitos schwarzianos são mais úteis como inspirações ou pontos de partida analógicos, do que como ideias *prêt-à-porter*, para vestir as interpretações. A dissonância entre o que Schwarz faz e como a Teoria Literária como um todo opera se torna ainda mais gritante quando nos damos

conta de que o crítico brasileiro pode pensar apenas em termos de “obras”, entidades auto-delimitadas nas quais aparência e ser articulam-se de modo complexo, pois elas são o que são e ao mesmo tempo são mais do que aparentam ser. A teoria contemporânea, por outro lado, depende da noção de “texto”, uma entidade aberta, cuja falta de limites a torna particularmente suscetível, não apenas a associações multifacetadas, mas também à acomodação de quaisquer novas noções que se apresentem. Alguém poderia argumentar que esta oposição é na verdade a de teoria vs. crítica, um tipo de discurso generalizável em contradição com uma análise de validade restrita, mas isto não seria preciso, porque as leituras que Schwarz faz de obras individuais culminam em argumentos de ampla validade, como quando passamos, na interpretação de Schwarz do *Brás Cubas*, da volubilidade do narrador para a posição de classe, e, em última instância para a dialética entre centro e periferia, por meio da qual a posição do Brasil à margem da economia global e do sistema ideológico reconfigura o próprio centro. De fato, como veremos, a capacidade de articular minúcias textuais com afirmações teóricas de vasto alcance talvez seja a maior realização de Schwarz como crítico.

Outra disparidade emerge quando nos voltamos para o contexto intelectual no qual Schwarz se formou. A percepção chave, aqui, é a de que sua obra seria impossível sem a consolidação de uma linha de pensamento nativa (por falta de um adjetivo melhor) dedicada a definir e entender o Brasil, e que inclui obras fundamentais tais como *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior, e *Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Antonio Candido. A esta herança ainda se deve somar o trabalho desenvolvido pelos contemporâneos de Schwarz na Universidade de São Paulo (USP), com os quais manteve um intenso debate ao longo da vida, como o filósofo Paulo Arantes ou o sociólogo Francisco de Oliveira. Aliás, é talvez um sinal de seu estatuto periférico que o nome “Escola de São Paulo” não tenha se tornado tão corrente quanto seu homólogo alemão se tornou em torno de Frankfurt. Antonio Candido foi uma figura central na consolidação do que devemos enfaticamente chamar de tradição, já que, por causa de sua longevidade (morreu aos 98 anos), ele atuou como um elo entre gerações de intelectuais; tal papel intergeracional foi fundamental para a constituição da crítica literária no Brasil, não somente pelo trabalho inovador na caracterização do que é a literatura brasileira, mas também pelo quanto

ajudou em seu processo de institucionalização (meu próprio departamento na Universidade Estadual de Campinas foi fundado por ele).

Tal esforço para criar um ambiente coletivo de pensamento, com profundidade histórica e suporte material, também ficou marcado por consciência política a respeito das especificidades do subdesenvolvimento. Assim Schwarz rememora seu mentor: “Cabia ao crítico desprovincianizar o Brasil, sem nacionalismo obtuso nem ofuscação subalterna diante da cultura dos países centrais evitando tanto a obtusa introversão nacionalista quanto o fascínio subalterno com as modas metropolitanas” (2019, 415). Subjacente a isto estava um *modus operandi* concreto: “Antonio Candido explicava a Walnice Oliveira Galvão e a mim, que éramos seus assistentes, alguma coisa dos seus planos para o Departamento de Teoria Literária, que estava começando. Dizia o professor a Walnice, que sabia bem o inglês, que ela poderia acompanhar de perto a crítica inglês e norte-americana, enquanto eu, que sabia alemão, acompanharia a discussão alemã, e ele ficaria a parte italiana e francesa. Assim, o nosso departamento estaria a par dos desenvolvimentos da crítica em cinco países capitais, ou, noutras palavras, o departamento ficaria atualizado com o estado da arte no mundo.” (2019, 408). É possível apontar, claro, como faz Helgesson (2022), a parcialidade do termo “global” e de como ele ignora outras literaturas do Sul Global; também se pode notar no contexto informal e tom familiar algo do personalismo que tão fortemente marca a cultura brasileira, com todos conhecendo todos os outros e se chamando pelo primeiro nome. De fato, somos até capazes de detectar sinais do paulistocentrismo; no entanto, apesar de tantas possíveis faltas, o programa é concebido como uma tentativa de solucionar os dilemas de se fazer crítica literária na periferia.

O projeto de Antonio Candido foi o de mediar o particular e o que, na época, se considerava o universal. Este modelo representava uma tentativa de simultaneamente controlar as condições do debate internamente e permanecer aberto para inovações trazidas de outros lugares. A discussão de Schwarz de “Um seminário de Marx” pode ser lida no mesmo espírito; além de documentar um importante capítulo na recepção brasileira do filósofo alemão, e capturar um momento ebuliente da reflexão sobre o capitalismo internacional e o subdesenvolvimento, ela desnuda um processo de discussão interna, de análise e apropriação de uma teoria europeia para a situação brasileira. O estabelecimento de um debate nativo traz consigo as vantagens da

continuidade, na medida em que descobertas de acadêmicos anteriores podem ser apropriadas sem a necessidade de explicações e justificativas renovadas. Isto é válido não apenas para os próprios conceitos, mas também para questões de delimitação de objetos, adoção de tons e negociação de perspectivas.

Este processo de ler a periferia contrasta nitidamente com uma certa maneira irrefletida de se lidar com a Teoria no Brasil, que é a predominante. Isto talvez surpreenda certos leitores, mas a construção de tal grau de independência intelectual é por si só uma conquista, e está longe de ser a norma na América Latina e no Sul Global como um todo. Como o próprio Schwarz observa numa discussão da nacionalidade “por subtração”:

Como estamos entre estudantes de Letras, vejamos algo da questão em nosso campo. Nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, *new criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e agora teorias da recepção. A lista é impressionante e atesta o esforço de atualização e desprovincianização em nossa universidade. Mas é fácil observar que só raramente a passagem de uma escola a outra corresponde, como seria de esperar, ao esgotamento de um projeto; no geral ela se deve ao prestígio americano ou europeu da doutrina seguinte. Resulta a impressão — decepcionante — da mudança sem necessidade interna, e por isso mesmo sem proveito. O gosto pela novidade terminológica e doutrinária prevalece sobre o trabalho de conhecimento, e constitui outro exemplo, agora no plano acadêmico, do caráter imitativo ne nossa vida cultural. (2006, p.30)

Trata-se de uma imagem veemente do subdesenvolvimento no campo da Teoria, uma sucessão de escolas e movimentos críticos sem qualquer organicidade em seu movimento ou aderência a uma forma concreta da vida social. Porém é preciso apenas trocar a ênfase na subordinação a e no fascínio pelas coisas vindas do

chamado Primeiro Mundo por uma progressão baseada na novidade, ou mesmo na moda, para obter uma possível caracterização do funcionamento da Teoria nos Estados Unidos⁴.

Isto nos leva a uma outra questão curiosa, que é a maneira como Schwarz lida com a tradição intelectual da Escola de Frankfurt, cuja obra ele próprio leva adiante (Durão, 2018b, 2022; Lopéz, 2005). O que chama a atenção, aqui, é como ele sistematicamente evita fazer metacomentários. Apesar de sua dívida com a tradição do Marxismo Ocidental ser clara, e de ser ocasional e estrategicamente reconhecida por ele, ela nunca é foco de sua atenção crítica; as referências de Schwarz a Adorno, Benjamin, Lukács ou Marcuse são escassas, e citações diretas, ainda mais raras. Muitos leitores ficam perplexos com esta insistência em evitar trabalho metateórico, como se pode testemunhar, por exemplo, em várias das entrevistas incluídas no recente volume *Seja como for* (2019). Não seria difícil traçar relações entre as leituras de Schwarz e um universo conceitual da Escola de Frankfurt. Tome, por exemplo, a noção chave de “favor” tal como investigada por Schwarz em sua leitura de Machado de Assis, com o forte elemento de “capricho” na relação entre a oligarquia brasileira do século XIX e os brancos pobres, que poderia ser fertilmente abordada através da noção de mimesis, teorizada por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*. Ou, para continuar com este livro, os efeitos da escravidão prolongada e a resultante restrição do mercado de trabalho poderiam ser interpretados de acordo com o conceito de princípio de troca (*Tauschprinzip*), e os efeitos deste no processo de subjetivação. A razão para não proceder metateoricamente, contudo, é ela própria inspirada por um princípio metodológico retirado de Adorno, o da primazia do objeto (*Vorrang des Objekts*), que designa a necessidade de o sujeito se subordinar à lógica daquilo que está tentando entender (Lopéz, 2011).

No próximo nível da anatomia de Schwarz, nós finalmente adentramos o reino textual conforme ele materializa um programa crítico específico. Não surpreendentemente, considerações metodológicas são escassas nos ensaios de

⁴ É útil lembrar, neste contexto, do conhecido argumento de Graff de que escolas nos estudos literários progrediram por via de ataques, não de diálogo. Schwarz, por sua vez, adiciona uma nova dimensão ao insight de Graff (2007) em sua celebrada história institucional do inglês.

Schwarz, e frequentemente recebem apenas atenção secundária, geralmente em orações subordinadas. O melhor lugar de onde derivar as bases da prática de leitura de Schwarz é seu ensaio sobre a interpretação de *Memórias de um Sargento de Milícias* feita por Antonio Candido (Almeida, 1991; Schwarz, 2012a, 2006). Ao descrever como seu mentor elucida este romance brasileiro do século XIX, Schwarz indiretamente desnuda seus próprios objetivos como crítico. O ensaio começa de maneira assertiva: “Em literatura, o básico da crítica marxista está na dialética de forma literária e processo social.” (p. 129) Aquela, aprendemos algumas páginas depois, “é tanto o esqueleto de sustentação do romance, quanto a *redução estrutural* de um dado social externo à literatura e pertencente à história. Trata-se, noutras palavras, da *formalização estética* de um ritmo geral da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX” (p. 132). Para evitar confusões, “redução estrutural” e “formalização estética” precisam ser explicadas: forma, aqui, não deve ser entendida como uma estrutura fixa ou um padrão preexistente, como algo dado para o qual se pode facilmente apontar; ao invés disso, ela deve ser concebida como um princípio organizacional subjacente que o crítico precisa destacar analiticamente da massa textual. Em outras palavras, decidir o que conta como forma *já é* o primeiro ato interpretativo e, como tal, representa um resultado preliminar do exercício da imaginação crítica. Formas também podem mudar com o tempo, já que a história revela camadas de sentido antes invisíveis e obscurece outras. Da mesma maneira, “formalização estética”, aquilo que é revelado sobre a sociedade, não precisa ser algo teorizado pela sociologia; ao contrário, também ela deve, idealmente, ser uma descoberta. Nós temos, então, um duplo processo, por meio do qual uma forma anteriormente não-observada nos permite obter conhecimento novo sobre a sociedade. O resultado é uma cognição aprimorada, a geração de um tipo de conhecimento sensível que não poderia ser obtido de outra maneira⁵. É preciso estar apenas minimamente familiarizado com o padrão atual da crítica literária para perceber a imensa distância deste programa interpretativo em relação às práticas existentes. O puro fato de se começar com uma teoria, ou mesmo com um conceito, já

⁵ Cf. Brown (2020) para uma brilhante defesa desta ideia. Que obras literárias, enquanto objetos autônomos, possam render um tipo específico de conhecimento é um argumento forte para a validação institucional dos estudos literários como uma disciplina universitária, num momento em que as humanidades precisam urgentemente justificar sua existência.

exclui a dinâmica aqui debatida por Schwarz. E para piorar ainda mais as coisas, descrever tal aspiração hermenêutica não substitui a sua prática; isto na verdade exemplifica a lógica dos comentários sobre Adorno mencionada acima.

O próximo componente da anatomia Schwarz é o seu estilo, altamente pessoal e ao mesmo tempo parte de uma tradição (Pasini, 2021). O crítico brasileiro escreve ensaios no sentido veemente do termo, aquele do jovem Lukács e de Adorno, o que significa, primeiro, que a escrita não segue um plano preestabelecido. Quanto ao movimento do pensamento, as ideias não procedem de uma lógica fixa e preestabelecida, mas seguem uma dinâmica particular na qual a progressão de argumentos avança mais a partir do que foi exposto do que a partir de uma tese claramente apresentada e subsequentemente exemplificada e demonstrada: o esquema tese/verificação não se aplica às composições de Schwarz. De fato, uma maneira de destruir seus ensaios seria submetê-los à forma de apresentação dos artigos, por exemplo, com o resumo oferecendo um *spoiler* do argumento. A escrita dialética evidencia uma luta entre o pensamento, em sua tentativa de lidar com a não-identidade, e o impulso predicativo da sintaxe. Invocar contradições, ao invés de mostrá-las, ou, o que é pior, apresentá-las de forma analítica e ordeira, faz com que a escrita se mova em uma contradição performativa inconsciente. Isso não ocorre em Schwarz, pois não há tensão entre o conteúdo de um enunciado e sua *Darstellung*; o jogo dialético entre opostos pode se manifestar entre as diferentes seções do texto, diferentes parágrafos, frases, ou mesmo em orações subordinadas. Conceitos não precisam ser definidos ou explicados antes de serem usados. Se, por um lado, eles apontam para um corpus teórico exterior ao texto, pelo outro, eles derivam seus significados do contexto nos quais aparecem, o que facilita o movimento dialético.

Segundo, como o foco é a obra literária, a partir da qual o ensaio tenta falar, a questão de intervir em e de escrever a partir de um campo de pesquisa desaparece do horizonte. Isto significa que não há preocupação *a priori* em estar atualizado, em ter em conta as publicações mais novas, necessariamente respondendo a problemas levantados por pesquisas recentes: ou seja, não há necessidade de oferecer uma *contribuição* para o campo. Da mesma maneira, são feitas referências a textos que auxiliam diretamente na interpretação dada, não de acordo com seu impacto ou com o *citation factor*. Do ponto de vista da escolha de palavras, Schwarz é idiossincrático

na combinação de um léxico erudito com expressões altamente coloquiais, algo que se perde nas traduções⁶. Em outras circunstâncias, isto produziria ensaios-frankenstein, mas aqui a articulação funciona, gerando uma espécie de estilo modernista, com um tom característico e efeitos particulares de distanciamento. As frases longas, com a preponderância de orações subordinadas, apontam para um elevado registro crítico, enquanto os coloquialismos sinalizam proximidade. O resultado é uma dificuldade de construir uma voz crítica clara, que às vezes parece formal demais, noutras pessoal demais. É interessante que esta ambivalência no tom espelhe as teorizações de Schwarz, já que a dialética entre pedantismo linguístico (bacharelismo, por assim dizer) e familiaridade é um *locus* importante em sua interpretação do Brasil.

O último componente da anatomia Schwarz é o mais importante, a saber, o tipo de leitura cerrada que ele pratica. Diferentemente dos *new critics*, ele não postula uma totalidade orgânica para obras literárias, o que significa que a exploração do potencial das palavras não precisa evitar o que a crítica tradicional consideraria elementos extrínsecos. Conceitos “externos”, como luta de classes, ideologia ou nacionalismo são mobilizados no processo hermenêutico, não como elementos a aplicar ou identificar, mas como inerentes à concretude do material textual. Inversamente, não sentimos em Schwarz a rigidez que ocasionalmente encontramos na crítica literária de Adorno, em seu emprego de conceitos que lhe são característicos, tais como, na *Teoria Estética*, mimesis, construção ou caráter enigmático. De fato, o núcleo da dinâmica interpretativa de Schwarz se encontra na maneira como descobre na especificidade dos elementos literários, tanto no que se pode chamar de conteúdo quanto na técnica, a operação de ideias amplas. Podemos dizer que esse gesto exegético é o de uma extrapolação, por meio da qual um amplo contexto conceitual ressoa na singularidade de itens individuais. Pegos de maneira atomística, é claro, podem parecer a imposição de um código mestre geral a um item separado, como quando, por exemplo, a Capitu de *Dom Casmurro* é vista como representando o Iluminismo. Conforme eles se acumulam numa teia de referências cruzadas, no entanto, o efeito é espantosamente convincente. É desta acumulação que a ideia de Schwarz, sua “teoria”, emerge.

⁶ Ele também tem maneirismos próprios, como seu “digamos”, que se assemelha ao “meanwhile” de Fredric Jameson.

O leitor terá razão para objetar que esta discussão de tradição, projeto crítico, prática de escrita e modo de leitura foi abstrata demais, levando a uma espécie de contradição performativa ao quadrado. Para mitigar tal impressão, podemos nos voltar para um caso específico, pois precisamos falar sobre pepinos.

II

Minha vida de menina (Morley, 2019) é um livro *sui generis* da literatura brasileira do final do século XIX. Publicado somente em 1942 e traduzido para o inglês como *Helena Morley's Diary* por Elizabeth Bishop, em 1957, trata-se de um diário compreendendo o período entre janeiro de 1893 e dezembro de 1895, escrito por Alice Dayrell Caldeira Brant sob o pseudônimo de Helena Morley. Ele narra o cotidiano de uma menina encantadoramente questionadora da pequena cidade de Diamantina, à época um polo decadente de mineração em Minas Gerais. Filha de um imigrante inglês, a ruiva Helena se destaca não apenas por causa da formação religiosa e cor da pele diferentes, mas também por sua capacidade de observação e postura naturalmente inquisidora. O que de outra maneira poderia aparecer como a existência insuportavelmente tediosa do interior, a partir dos seus olhos surge como um ambiente social exuberante e agitado, um ecossistema coletivo, por assim dizer, com suas interconexões humanas e trocas com a natureza. Resumindo, um diário de uma força mimética penetrante, com origem numa jovem mente adoravelmente inquieta, leva à conquista de um realismo ingenuamente potente, ou potentemente ingênuo.

Isto, no entanto, corresponde apenas a uma leitura superficial de *Minha vida de menina*. O livro é envolto em mistério, porque o manuscrito tem sido mantido em segredo, e são poucos os que já puderam examiná-lo, o que levanta, é claro, questões sobre a autenticidade, se as palavras da menina de treze anos foram publicadas *ipsis litteris* ou se passaram por diferentes níveis de revisão (algo bastante provável, visto que a família tinha fortes laços com escritores modernistas de Minas Gerais). Em uma nota de rodapé na sua introdução ao livro, Alexandre Eulálio observa: “Imaginemos, entretanto, que o livro se tratasse de uma impostura literária, e tivesse sido escrito, digamos, pela autora adulta — hipótese que qualquer leitor tem o direito de fazer, pago o preço da capa. Nesse caso — dizia em conversa um grande autor brasileiro,

Guimarães Rosa — estaríamos diante de um ‘caso’ ainda mais extraordinário, pois, que soubesse, não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal *reconstrução* da infância.” (p.8). Esta solução, que argumenta que a representação da autenticidade forjada com sucesso seria superior a um retrato genuíno da infância, assim inflando ainda mais o mérito do livro, leva a uma concepção do diário como a representação cativantemente direta da mente inquisidora de uma menina vivaz nos primeiros anos da adolescência, habitante de uma pequena cidade do interior de Minas. Schwarz vai na direção oposta desta concepção intimista, local e despretensiosa do livro, já que o interpreta, assim veremos, como carregando *insights* de largo alcance sobre transformações na estrutura social brasileira.

Antes de olhar para como Schwarz consegue converter as cândidas e modestas transcrições das experiências diárias de uma menina em uma fonte de insights sobre as consequências potencialmente libertadores da sucessão de modos de produção, no entanto, vale a pena chamar a atenção para o efeito fascinante do prefácio de 1942. Nele, a autora de 62 anos explica sua razão para publicar estes “cadernos e folhas avulsas”, que “andaram anos e anos guardados, esquecidos”. “Ultimamente”, ela escreve, “pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para minhas netas. Nasceu daí a ideia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época. (p.13) Afirma então que “[n]esses escritos nenhuma alteração foi feita, além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender”. (p.13) E para concluir, uma palavra a suas netas: “vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições — coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva. (p.13-14). Estas observações deveriam ser lidas pelo valor de face, como as palavras modestas de uma plácida vovó cantando os méritos de uma vida simples no interior? Ou talvez possam ser encaradas como mais uma volta no parafuso da manipulação e dissimulação literárias? Mas mesmo que nenhum artifício tenha sido empregado, ainda permanece a questão das implicações de longo alcance de uma escrita ingênua e não-artística, o mistério, noutras palavras, de um efeito estético

poderoso, no sentido indicado acima, e de uma intenção não-estética. Schwarz está plenamente consciente disso, apesar de se recusar a elaborar teoricamente sobre o assunto⁷.

De outro ângulo, nós testemunhamos a aparente discrepância entre a simplicidade do material e a amplitude de significado nas conclusões que Schwarz (2012b, 1997) deriva de *Minha vida de menina*. No livro, ele vê a representação de um estado de relativa suspensão da dominação: “A escravidão acabava de ser abolida e o trabalho livre não estava ainda enquadrado nas alienações da forma salarial. Ou por outra, ao mesmo tempo que a brutalidade escravista começava a ser desautorizada, os rebaixamentos específicos ao trabalho abstrato permaneciam remotos, criando um interregno, promissor ou desregrado conforme as circunstâncias. A noção sociável e humana do esforço em comum, alimentada por Helena, com ressonâncias hoje utópicas, talvez se prenda a essas indefinições.” (p.71) Esta é uma crítica radical da ideia de progresso (a propósito, inscrita na bandeira do Brasil) sem apelar a Walter Benjamin, ligada à visão de uma utopia concreta, e sem referência a Ernst Bloch. Schwarz é cuidadoso ao apontar a precariedade e instabilidade desta situação de entre-lugar, seu caráter frágil e breve, poucos anos antes de o capitalismo firmar raízes mais profundas e espalhar o processo de mercadorização. De fato, a família Morley só supera a pobreza quando o pai de Helena é contratado e se torna um assalariado. Estas são as palavras finais do livro:

O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó. Meu pai entrou para a Companhia Boa Vista e tudo dos estrangeiros é só com ele,

⁷ “Sob muitos aspectos a literatura de Helena Morley realiza com naturalidade um ideal da poesia moderna. Longe de abundâncias ou parcimônias de escola, escorada na sorte de uma situação histórica especial, a menina acerta sem querer com o que outros procuram em vão. Essa facilidade naturalmente tem algo de utopia, que sem se repetir à vontade está disponível para o pensamento.” (p.132) A mesma lógica se aplica, mesmo que de maneira menos impressionante, para a leitura que Schwarz faz de *Verdade Tropical* (1997), relato autobiográfico de Caetano Veloso. Ele é um escritor muito mais conscientemente literário do que Brant, mas a riqueza formal e o potencial cognitivo encontrados por Schwarz em *Verdade Tropical* são, ainda assim, surpreendentes.

porque é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus.
Não é mesmo proteção de vovó lá do Céu? (p.324)

É formalmente adequado — de fato, mais um caso no qual sorte e maestria parecem se tornar indistinguíveis — que a narrativa que começa com “nosso bom dia da semana” (p.18), quando a família, sem o pai, vai lavar a roupa no rio, pescar, coletar madeira e capturar pássaros para vender, termina com a inserção final do chefe da família no mercado de trabalho formal e assalariado. Sob esta luz, a presença da religião se torna hilariantemente irônica. A avó, membro rico da família, fonte de autoridade e objeto de lisonjas, está morta não apenas fisicamente, mas também como o mundo que ela representa.

Que este período de suspensão, resultante de uma transição na organização econômica, apareça como breve e incerto não significa que ele não possa ser criticamente fértil. Chegando ao fim de *Duas Meninas*, Schwarz expande este insight a um escopo mais amplo da literatura brasileira:

Ora, sem propósito de exclusão ou programa, se formos à substância das nossas configurações culturais marcantes, aquelas em que para mal ou para bem sentimos força e universalidade, iremos verificar — acredito — que envolvem algum tipo de dessegregação, de mobilização liberadora — em geral ilusória — no campo das deformidades que assinalam a reciclagem moderna da matriz colonial. É como se apontassem o encargo histórico do país, o desastre mundial a consertar, a linha de força que confere universalidade ao provincianismo de nossa problemática interna. Quando uma espécie qualquer de superação entra em pauta, a lâmpada do interesse acende. Quando não, é a rotina de sempre. (p. 135)

“Dessegregação” é um conceito, como dissemos no início, que nomeia um curso ou linha interpretativa. É proposto em conexão com a leitura de alguns autores brasileiros, incluindo uma análise fascinante da posição dos pronomes em Mário de

Andrade, e exemplos dos abolicionistas Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre (os dois últimos inexplicavelmente não incluídos na tradução para o inglês de *Duas Meninas*). É possível, obviamente, expandir esta ideia ao imaginarmos outros contextos possíveis nos quais a dessegregação poderia ocorrer, tendo sempre em mente que, como demonstra *Minha vida de menina*, ela não depende do desenvolvimento das forças de produção. Mesmo assim, Schwarz resiste a dar o próximo passo lógico, o que colocaria a produtividade desta hipótese na esfera abstrata e generalizante da Teoria.

Conforme indicado acima, as discussões de Schwarz normalmente se mantêm neste nível das ideias; para o nosso objetivo de traçar uma anatomia de sua prática crítica com vistas a sua continuidade, é importante focar nas dinâmicas de leitura em jogo. Eis a entrada para o domingo, 19 de fevereiro de 1893:

Siá Ritinha, a ladrona de galinhas da Cavallhada, levou ontem a noite inteira aqui em casa, contando casos de pessoas que adoeceram de comer pepino, e acabou dizendo: “Dona Carolina, tome nota do que eu vou lhe dizer: pepino é tão venenoso que só a gente passar a barra da saia no pepineiro faz mal”.

Veio essa conversa toda por mamãe lhe contar que eu não tomo mingau de fubá e que como dois pepinos com sal, de manhã. Mamãe me dizia: “Está ouvindo o que ela está dizendo? Está escutando? Eu tinha vontade de pergunta a Siá Ritinha: “E furtar galinha dos vizinhos também não fará mal?” (p. 26)

Uma leitura superficial identificaria aqui o frescor da narração, sua simplicidade e sinceridade aspectos locais típicos do interior do Brasil no fim do século XIX: a vida comunitária na qual visitas não anunciadas são comuns e passar a tarde toda conversando é algo natural, tão natural quanto compartilhar superstições ridículas. Um segundo passo, já parte da leitura de Schwarz, amplifica esta última: a crença no caráter venenoso dos pepinos adquire transitividade exegética, por assim dizer, já que se torna indicativa de uma visão de mundo específica, aquela do Brasil colonial e arcaico, e que imediatamente traz à mente seu oposto, aquela da razão

desmistificadora, da qual a portadora é Helena. Se a interpretação parasse aqui, ela poderia soar verdadeira, mas não seria particularmente convincente. Schwarz adiciona uma nova camada de significado quando joga luz sobre as dinâmicas pessoais subjacentes à cena. Na relação com a família Morley, Sinhá Ritinha está numa posição de subordinação, que depende de favores. Por esta razão, sua fala não é apenas obscurantista, mas também astuta, já que causa uma boa impressão em Dona Carolina, mãe de Helena, às custas desta. Adicione-se a isto que os pepinos convêm num contexto de escassez de comida, o que os torna parte de uma estratégia concreta e esperta, por parte de Helena, para o café da manhã. Finalmente, o pepino não aparece apenas aqui, mas é mencionado também em outras passagens (11 de março de 1893; 24 de maio de 1894, 12 de julho de 1894; 18 de junho de 1895; 19 de dezembro de 1895), nas quais as mesmas propriedades físicas e simbólicas estão presentes, mas em diferentes configurações. Em 12 de julho de 1894, por exemplo, eles se tornam presentes, assim tornando-se parte de uma lógica do favor:

[...] — E a sua horta, Dona Carolina, está bonita?

Siá Ritinha: — Tenho recebido o que a senhora nos tem mandado, e muito agradecida. A senhora mesma não sabe o que tem nos valido. Inhá ainda disse: “Nós somos bem felizes termos por vizinhos umas pessoas como Dona Carolina e Seu Alexandre. Só dão à gente prazer. (p. 163)

Os pepinos, então, formam um agrupamento de significados numa rede de referências, que se cruzam com outros itens concretos, tais como diamantes, risada ou frangos, que “podem ir para a panela na forma de criação da casa, obséquio do vizinho, furto ocasional ou mercadoria comprada” (p. 70).

Mas é assim que Schwarz escreve tudo isso, numa citação inevitavelmente longa:

O propósito da intervenção, prontamente notado, é de adular a mãe de Helena e apoiá-la em sua luta para que a filha perca o

gosto de comer pepinos com sal pela manhã e volte ao mingau de fubá. Está formada a liga adulta dos estraga-prazeres bem pensantes, em luta contra a fantasia e satisfação do próximo. Se Helena gosta de pepinos, por que a implicância com eles? Acontece que a vizinha é pobre e deve favores aos Morley, de cuja proteção precisa, de modo que o seu ensinamento sobre pepinos não só não é desinteressado, como é uma forma sem-vergonha de serviço prestado a Dona Carolina, à custa da felicidade da parte menos defendida da família, com a vantagem, ainda, de reequilibrar por meio da pirraça as humilhações da vassalagem. Além do que, siá Rita tem a reputação de ser ladrona de galinhas, o que dona Carolina, na hora de lhe receber o apoio, não leva em conta, ao contrário da filha, que está entendendo tudo da politicagem clientelista em que no caso se alicerça a hegemonia de um cardápio trivial, e por extensão, a autoridade materna. [...] Assim, na defesa do gosto pelos pepinos matinais ou pelos usos menos comuns do fubá, Helena descobre o lado obtuso e incurioso dos responsáveis pela ordem, que gostam de proibir, mesmo quando a proibição parece não ter sentido. Sem prejuízo da inocência relativa do episódio, por causa dela [...] fica esmiuçado o substrato autoritário da aliança tão brasileira entre civilizados e agregados, repleta de dimensões impublicáveis, com a qual as aspirações à liberdade têm de se haver, ainda em se tratando apenas de pepinos.” (p. 84-85)

Esta passagem é útil para discernirmos o jogo textual discutido antes, no qual a escolha das palavras e o estilo se combinam para dar corpo a uma forma pessoal de expressão. O formal “adular” contrasta com “a liga adulta dos estraga prazeres bem pensantes”, muito mais coloquial, e que de fato adota o tom e o ponto de vista da menina, quase como em discurso indireto livre. “Acontece” é um conector brilhante, já que por sua informalidade e pela ausência de um sujeito, dá velocidade à transição de pensamentos, o que adiciona uma perspectiva diferente a

uma longa frase com sete orações, numa sintaxe absolutamente suave, nas qual “pirraça” e “vassalagem” se encontram lado a lado. “Além do que” é outro conector coloquial que introduz uma nova reviravolta na caracterização da cena, uma de branda criminalidade. A conquista da entrada do diário, finalmente, é a de desnudar o “substrato autoritário da aliança tão brasileira entre civilizados e agregados, repleta de dimensões impublicáveis” — para aqueles que não acompanharam o raciocínio e a escrita, o salto da cena caseira para o desvelamento de estruturas de dominação abrangentes através do *Verfremdungseffekt* só pode parecer forçado; para os que acompanharam, a articulação interpretativa é belíssima.

Há ainda um último elemento na anatomia Schwarz, com o qual podemos concluir. Note que a menina é chamada pelo nome na passagem discutida, não de “Morley”, mas de “Helena”, e que ela figura com grande capacidade de ação, a ponto de descobrir a estultice que a circunda. Ao longo de “Outra Capitu”, o leitor tem ampla oportunidade de perceber a admiração de Schwarz, ou mesmo afeto, pela pequena heroína, que, contudo, é uma personagem literária, como deixa claro o pseudônimo da autora. Ainda no fragmento que estamos lendo: “Sem prejuízo da inocência relativa do episódio, ou por causa dela”. A inocência, aqui, pode ser tanto um impedimento quanto uma ferramenta, e se Schwarz não se importa em determinar qual, é porque esta incerteza é um típico efeito artístico. O sentimento de admiração se estende da menina para a obra. Junto com a função na qual está posta, como vimos, a de gerar novos conhecimentos a partir de articulações formais e internas, a literatura fascina pelo simples fato de existir. Compare isto à difundida concepção crítica da literatura como algo suspeito, ideologicamente culpado, portadora de capital simbólico, canonicamente opressiva, e assim por diante. Não está entre as menores conquistas de Schwarz mostrar que a literatura pode, ao mesmo tempo, ser um veículo de libertação e um objeto de assombro, se amor for uma palavra forte demais para você.

Tradução de André Volpato

BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T.W. (1991) 'The Essay as Form', in *Notes to Literature*, trans. Shierry Weber Nicholsen. New York: Columbia University Press.
- Almeida, Manuel Antônio de (1991) [1852] *Memoirs of a Militia Sergeant*, trans. Ronald W. Sousa. Oxford: Oxford University Press.
- Anderson, Perry (2011) 'Lula's Brazil', *London Review of Books*, 31 March: 3-12.
- Brown, Nicholas (2020) 'Interpretation without Method, Realism without Mimesis, Conviction without Proposition', *Mediations*. 33.1-2: 119-138.
- Cevasco, Maria Elisa. "'Two Girls" and Other Essays, written by Roberto Schwarz', *Historical Materialism* 22.1: 148-165.
- Durão, Fabio Akcelrud (2011) *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. Campinas: Autores Associados.
- _____. (2018a) 'Critical Theory: Made in Brazil', in Russell West-Pavlov (ed.), *The Global South and Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 83-93.
- _____. Inheriting the Frankfurt School on the Periphery: the Case of Roberto Schwarz. *Modern Language Notes* (MLN), v. 133, p. 546-561, 2018b.
- _____. (2020) 'From text to work', *Forma* 1.2: 98-12.
- _____. 'Zur Kontinuität der Kritischen Theorie: Robert Hullot-Kentor und Roberto Schwarz', *Zeitschrift für kritische Theorie*, Heft 54/55: 258-268 (2022).
- Graff, Gerald (2007) *Professing Literature: An Institutional History*. Chicago: University of Chicago Press.
- Helgesson, Stefan (2022) *Decolonisation of literature: Critical Practice in Africa and Brazil after 1945*. Liverpool: Liverpool University Press.
- Hullot-Kentor, Robert (2010a) 'What barbarism is', in Fabio Ackelrud Durão (ed.) *Culture Industry Today*. New Castle: Cambridge Scholars Press, 23-42.
- _____. (2010b) 'The exact sense in which the culture industry no longer exists', in Fabio Ackelrud Durão (ed.), *Culture Industry Today*. New Castle: Cambridge Scholars Press.
- Johnson, Adriana. (1999) 'Reading Roberto Schwarz: Outside Out-of-Place Ideas', *Journal of Latin American Cultural Studies*, 8.1: 21-33.
- Larsen, Neil. (2001) 'Roberto Schwarz: A Quiet (Brazilian) Revolution in Critical Theory', in *Determinations*. London & New York: Verso: 75-82.

- López, Silvia (2011) 'Dialectical Criticism in the Provinces of the "World Republic of Letters": The Primacy of the Object in the Work of Roberto Schwarz', *A contracorrente*. 9.1: 69-88.
- _____. (2005) 'Peripheral Glances: Adorno's *Aesthetic Theory* in Brazil', in Max Pensky (ed.) *Globalizing Critical Theory*. Lanham: Rowman and Littlefield.
- Moretti, Franco (2021) 'A New Intuition', *New Left Review*, 131, Sep/Oct.
- Morley, Helena (2019) [1942] *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1981) *The Diary of "Helena Morley"*, trans. Elizabeth Bishop. London: Virago Press.
- Pasini, Leandro (2021) 'A forma do ensaio de Roberto Schwarz', *Novos Estudos, CEBRAP*, 40.2: 315-333.
- Sauri, Emilio (2015) 'Presuppositions — if I am not mistaken — of *Two Girls and Other Essays*', *Mediations* 28.2: 129-138.
- Schwarz, Roberto. (1992) 'Brazilian Culture: Nationalism by Elimination', in *Misplaced Ideas: Essays on Brazilian Culture*, edited by John Gledson. London & New York: Verso.
- _____. (1997) *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2006) [1987] *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2012a) 'Objective Form: Reflections on the Dialectic of Roguery', in *Two Girls and Other Essays*. London & New York: Verso.
- _____. (2012b) 'Another Capitu? Helena Morley's Diary', in *Two Girls and Other Essays*.
- _____. (2012c) 'Verdade tropical: um percurso de nosso tempo', in *Martinha versus Lucrécia: Ensaio e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2017) 'Antonio Candido 1918–2017', *New Left Review*, 107: 47-54.
- _____. (2019) *Seja como for: Entrevistas, retratos e documentos*. São Paulo: Editora 34.
- Veloso, Caetano (2003) *Tropical Truth: A Story of Music and Revolution in Brazil*, trans. Isabel de Sena. New York: Da Capo Press.
- WALLER, Thomas. *Roberto Schwarz and World Literature*. Critical Essays. Cham: Palgrave, 2024.

Fabio Akcelrud Durão é Professor Titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. É autor de *Sobre essas coisas feitas de palavras* (com Tauan Tinti, 2025); *Teoría en fragmentos: Instantáneas de vida académica* (2024), *Ensinando Literatura* (com André Cechinel, 2022), *Metodologia de pesquisa em literatura* (2020) e *Modernism and Coherence* (2008), entre outros. Publicou diversos artigos no Brasil e no exterior, em periódicos como *Critique* (Paris: Minuit), *Cultural Critique*, *Luso-Brazilian Review*, *Parallax*, *The Brooklyn Rail* e *Wasafiri*.